

ouvieri

Guto Lacaz

revisão Gislaine Maria da Silva
arte final Carlos Baptistella
edição do autor

Tio Chico era professor de Matemática no ITA, em São José dos Campos. Certa vez, na casa de minha avó Judith, em Guaratinguetá, ele nos descreveu uma escultura que um aluno havia feito para criticar as aulas de outro professor. Era um arame vertical que, em determinado ponto, se embaraçava todo, depois seguia reto novamente para o alto, onde encontrava uma chapa horizontal, presa ao teto por uma linha. Assim o aluno explicava sua obra: "...a aula do professor tal é sem base, comprida, confusa e, ainda por cima, chata!".

Tio Chico era tido como gênio.

Então, ficava sempre aquela distância...

Publicou pelo ITA sua solução para *O Último Teorema de Fermat*.

Pensava eu: "...preciso fazer uma pergunta pro tio Chico, para mostrar que eu sou inteligente e, assim, tentar iniciar um diálogo com ele".

Na Faculdade de Arquitetura, havia uma discussão acadêmica sobre a diferença entre invenção e descoberta.

Decidi que essa seria uma boa questão para que, nas férias, na casa de minha avó Judith, quando eu o encontrasse, após respirar fundo, fizesse a tal pergunta.

Passaram-se seis meses, chegaram as férias, chegou o dia, chegou a hora, chegou o momento.

– Tio Chico, eu tenho uma pergunta pra fazer pro senhor: Qual a diferença entre invenção e descoberta?

Balançando na rede, sem se alterar, resmungou:

– Isso não tem nenhuma importância!

Meu pai era muito impaciente para viajar.

Um dia, na década de 60, fomos ao casamento do tio Heládio no Rio de Janeiro.

Estando lá, meu pai quis pegar a balsa e nos levar para conhecer Niterói.

A balsa chegou, descemos, meu pai deu alguns passos, abriu os braços e disse:

“ISTO É NITERÓI!”.

Em seguida, demos meia volta, entramos na mesma balsa e voltamos.

Contei essa pitoresca passagem com meu pai para minha querida amiga Isa Melaragno. Ela sorriu e emendou com a história do pai de uma amiga. Era um inglês que nunca permitia à esposa e às filhas virem um filme até o final. Quando levava a família ao cinema, sempre se levantava depois de meia hora de projeção e dizia: "I think, I've got a general idea about it". Inconformadas, esposa e filhas eram obrigadas a segui-lo.

Minha primeira viagem internacional foi em 1987, para Paris.
Embarquei no início de dezembro e retornei no final de janeiro.
Fui com a Marisa e lá encontramos um casal de amigos, o Dudu Martins e a Nadia Somekh.
Combinamos de passar o ano juntos e andar pela Champs-Élysées até cruzar o Arco do Triunfo.
Nesse passeio, escutávamos das pessoas com quem cruzávamos:
“Bonne Année! Bonne Année!”.
E respondíamos:
“Bananeira! Bananeira!”.

Carlos da Silva Lacaz, meu pai, era médico.

Carlos Roberto Martins Lacaz, meu irmão mais velho, também é médico.

Eu me chamo Carlos Augusto Martins Lacaz, e meu irmão mais novo, Carlos Eduardo Martins Lacaz.

Nossa empregada, a Lourdes, disse que atendeu assim ao telefone:

– O Lacaz está?

– QUAL DELES?

– O Carlos.

– QUAL DELES?

– O médico.

– QUAL DELES?

Meu primo Wilson, conhecido pelo apelido de Mono, mora em Guaratinguetá, no Vale do Paraíba.

Casou-se com Lúcia e, naquela época, anos 60, era chic passar a lua de mel em Santos. Para lá fora o casal.

Na volta, três dias depois, resolvem passar em nossa casa, em São Paulo, para uma visita à meus pais.

Surpreso, meu pai exclamou:

– Ué, Mono... você não ia ficar uma semana?

E Mono:

– Ah, tio... lua de mÉr cansa!

Quando o poeta e diplomata Vinicius de Moraes faleceu, os proprietários do restaurante Supremo, em São Paulo, reuniram clientes e amigos, convocaram a imprensa e iniciaram uma campanha para mudar o nome da Rua da Consolação para Rua Vinicius de Moraes. Para lá, segui para dar apoio à iniciativa, na certeza de que tinha todo o mérito. Entre outros conhecidos, encontrei o querido Dudi Maia Rosa, pessoa muito espiritualizada. Em meio à movimentação e contra o pensamento dominante, ele sussurrou para mim: “...mas nós precisamos tanto mais da consolação!”.

Estava no ginásio quando arranjei uma namorada, a Maria Alice, que era tímida como eu. Ela passava as férias em Guaratinguetá como eu e morava em São Paulo como eu.

Mas eu não sabia bem o que fazer com ela, não sabia como namorar, pois, naquela época, anos 60, não se podia fazer quase nada com uma namorada. Era mais um problema que uma solução.

Pedi então a meu colega Célio Hugeneuer, o bonitão da classe, para me orientar. Pedi mais, que fosse comigo ao meu primeiro encontro e começasse a conversa. Confiava que ele soubesse como conduzir os trabalhos...

Marcamos no Clube Banespa, do qual Maria Alice era sócia, na Avenida Santo Amaro, no Brooklin.

Chegamos adiantados e aguardamos Maria Alice.

Ela chegou, nos cumprimentamos, e apresentei-lhe Célio.

Silêncio...

Silêncio...

Depois de um tempo, o Célio falou: “Você toca algum instrumento?”.

Numa megafesta de lançamento de livros infantis, encontrei meu amigo Ettore Bottini e, a certa altura, no meio daquela gritaria e confusão, ele, vendo que já era hora de partir, disse: “Como já dizia John Wayne, a cultura americana pode ser resumida em duas frases: Hands up! e Let’s get out of here!”.

Na década de 80, fui editor de arte da revista *Around*, dirigida por Joyce Pascowitch. Ficamos muito amigos e ela me convidou para sua festa de aniversário, em sua elegante mansão no Jardim Europa, em São Paulo. Seria minha primeira vez na alta sociedade. Iria com a Marisa. Marisa resolveu, então, alugar um vestido nessas lojas tipo Tudo a Rigor. Ao voltar da loja, ela me contou: “...experimentei um vestido e, em dúvida, perguntei à vendedora o que achava. Ela respondeu: ‘Comu é qui us pessuais vão?’”.

Ao retornarmos de uma longa e cansativa viagem à Disney, disse à minha filha Nina, ao entrarmos em casa: “There is no place like home!”.

Correndo para o lavabo, Nina emendou: “There is no place like a bathroom!”.

Meus pais moravam no quinto andar do Edifício Alexandre Albuquerque em São Paulo. No quarto andar, morava o famoso editor de gravuras Elcio Motta. Carioca simpático e bonachão, sempre me convidava para conhecer o seu apartamento, sua coleção, e para que eu fizesse uma edição de gravuras em sua oficina. Eu estava começando em artes plásticas e tinha vergonha de encarar o convite. Um dia, venci a timidez e resolvi aparecer lá. Sua esposa, Rita, foi quem me recebeu, convidando-me para entrar. Me levou à sala de jantar, onde Elcio, concentradíssimo, preenchia à mão uma nota fiscal dessas tamanho A4, com cinco vias finas, coloridas, e quatro folhas de papel-carbono intercaladas. Sem tirar os olhos do trabalho, me cumprimentou, resmungando: “...quando eu entrei nesse negócio de arte, eu achava que ia comer mulher pra caralho, e aqui estou eu copiando o CPF da porra desse cliente!”.

Eu estudava Eletrônica Industrial no Liceu Eduardo Prado, que ficava no Itaim.
Todo dia, saíamos da aula e íamos para a casa de Heliodoro Bastos, o Dorinho, nosso colega que morava na Rua Aspásia, próximo à escola.
Dona Maria, a mãe do Heliodoro, sempre nos recebia com muita alegria.
Ela era a confidente de uma jovem vizinha.
Uma vez, Dona Maria nos contou que a vizinha veio toda feliz falar do elogio que havia recebido do namorado: “Dona Maria, meu namorado disse que eu sou um feMônemo!”.

Sempre me interessei por ufologia.

São poucas as boas imagens de discos voadores, mas considero-as muito intrigantes.

Já fiz dois cursos que pouco acrescentaram sobre o assunto.

No primeiro, havia um público bem heterogêneo.

Atrás de mim, sentavam-se três senhoras que anotavam tudo.

Como meu interesse era grande, era eu quem mais fazia perguntas na sala.

Numa aula, uma das senhoras, irritada, me interrompeu e sentenciou: “Você quer parar de fazer perguntas, senão o professor não vai conseguir dar toda a matéria!”.

Fiz apenas três viagens internacionais para expor meu trabalho de artes plásticas.
A terceira foi em 1995, para a Coreia do Sul, na cidade de Kwangju.
Kwangju Biennale. O maior mico de minha vida profissional!
Vinte e cinco horas de voo até Seul e mais uma ponte aérea de uma hora e meia até Kwangju.
No trajeto, minha caixa foi perdida, e só chegou ao local da exposição um dia antes da abertura.
Fiquei quatro dias esperando dentro de um lugar insuportável.
Quando a caixa finalmente chegou, não quiseram me ajudar a montar, pois as equipes já estavam partindo e meu curador havia sumido.
Montei sozinho, me feri, enfraqueci, peguei uma gripe muito forte.
Já na inauguração, o público destruiu o meu trabalho e os de alguns colegas.
Não conhecia ninguém por lá, e a cada dia chegava mais gente. De todas as nacionalidades: artistas, jornalistas, curadores, marchands...
Todo mundo muito estranho: loiro, alto e vestindo preto.
Parado, quieto num canto, eu observava a movimentação.
O artista português Manoel Cabrita aproximou-se de mim como um gato e murmurou com seu forte sotaque lusitano: "...quem é essa giennnti?".

Minha querida prima Vilma, premiada decoradora, é a filha única de um casal originário da Tchecoslováquia.

Seus pais falavam cinco idiomas, incluindo grego e latim; eram químicos e empresários de sucesso.

Vieram para o Brasil quando a Tchecoslováquia foi invadida pela ex-União Soviética.

Tia Quita era a mãe de Geraldo Cesar, então namorado de Vilma.

Na época do namoro, tia Quita queria saber se Vilma vinha de uma boa família, aquelas coisas...

Dizia que Geraldo Cesar, seu filho único, tinha que se casar com alguém do nível de um Meirelles, ou de alguma família tradicional de Guaratinguetá, o centro do mundo na época.

Tia Quita não se conteve e, em tom arrogante, desafiou Vilma.

Prima Vilma, come il faut, contra-atacou: “Dona Quita, a senhora não sabe com quem está falando! Minha família vem do Império austro-húngaro e meus pais se formaram na Univerzita Karlova de Praga, fundada em 1348 por Carlos IV, rei da Boêmia, portanto, uma universidade que já existia quase 200 anos antes de o Brasil ter sido descoberto!”.

Em 1987, realizei, no Museu Brasileiro do Papel, a exposição *O Papel no Cotidiano*.
Cheguei antes da hora para fazer os acertos finais.

Alguns minutos depois, entra silenciosamente uma elegante moça e percorre o espaço, observando com atenção cada peça. Até que chega onde estou e me interpela:

– É você o artista?

– Sim.

– São estas as obras?

– Sim.

– E... haverá mais alguma coisa, um momento solene?

– Não, não está previsto, é apenas a exposição.

Ela agradece e sai, silenciosa como entrou.

Conheci Luiz Raul Machado em 1974, na casa de Vane Felicio Sanchez. Ele trabalhava como redator de fascículos na editora Abril e eu era recém-formado em Arquitetura, com pretensões de ser ilustrador. Logo ficamos amigos e ele me passou os originais de seu livro infantil *O Galo Pererê*. Em pouco tempo, já tínhamos *O Galo* ilustrado, mas sem quem o quisesse publicar. No ano seguinte, ele me convidou para ir a Belo Horizonte, onde um editor tinha interesse em conhecer a obra. Para lá fomos, mas o editor não demonstrou nenhum interesse. No entanto, encontramos Bartolomeu Queiroz, também escritor, que nos levou a uma sensitiva, dona Elza. Era na periferia de Belo Horizonte, uma casa simples e muito limpa. Nos atendeu sua sobrinha, que nos organizou, cabendo a mim a última consulta. Cada um teria alguns minutos com dona Elza, que daria orientação ou visualizaria o futuro. Não tinha nada para perguntar a ela, mas, pensando um pouco, surgiu uma questão: eu estava começando a ficar careca e, então, iria pedir um antídoto contra a calvice. Chegou a minha vez. Entrei num quarto escuro, iluminado apenas pela luz da vela que a sensitiva segurava com as duas mãos. Sentada, cabisbaixa, sobre a cama, me orientou a sentar-se na cadeira em frente a ela. Expus meu caso, e dona Elza, batendo com a unha na vela, sentenciou com firmeza: “IRUDA!”. Ao sair do quarto, perguntei à sua sobrinha o que queria dizer. Ela então decodificou a mensagem: “Lavar a cabeça com chá de arruda toda sexta-feira durante um mês”. Por quatro sextas-feiras, fui pessoalmente comprar arruda na feira livre, e, no final do dia, preparava o chá num caldeirão e o levava para o banheiro. Meu pai, dermatologista, observava minha movimentação, sorrindo silencioso. Vinte e três anos depois, eu fiquei completamente careca, mas o Luiz Raul se tornou editor da Ediouro e me ligou dizendo que, finalmente, *O Galo* ia sair!

Trabalhávamos no estúdio do Farah com o rádio ligado.

O locutor diz: “Mais notícias às 18h”.

Farah emenda: “Más notícias às 18h!”.

A querida jornalista Paula Dip comandava o *Paulista 900*, programa de entrevistas na TV Gazeta, que recebia perguntas por telefone.

Ela estranhava que, nas fichas que recebia, preenchidas pela telefonista, no item Ocupação, aparecia sempre a palavra dólar.

Intrigada, resolve perguntar à telefonista o que queria dizer dólar.

Surpresa, a telefonista conserta: “Não! Está escrito - do lar!”.

Anos atrás, me ligou a curadora da Bienal de Havana para combinar uma visita ao meu ateliê.
Passei então o endereço: Rua Pamplona, 857, subsolo.

Nos despedimos e a aguardei na data e hora combinadas.

Ela veio, conversamos, viu meus trabalhos e, ao sair, confessou: “Sabes, vim para cá com receio, pois, quando dissestes subsolo, entendi que era para subir suela, sozinha”.

Ela me disse que entenderia se eu tivesse dito “subsUElo”.

Em 1974, eu namorava a Patricia Garcez, que falava inglês fluentemente.

Recebera, em sua casa, a estudante americana Mary Caroline Johnson, para um intercâmbio cultural.

Uma gorducha simpática e muito extrovertida.

Em meio ao jantar de confraternização com a família de Patricia, Mary Caroline falou, com todo entusiasmo: “Na minha opinião, a palavra mais bonita da língua portuguesa, fo-ne-ti-ca-men-te falando, é booo-ceeee-taaaaa!”.

Sou aluno da Escola Municipal de Astrofísica, a EMAF, cuja sede fica ao lado do Planetário, no Parque Ibirapuera, em São Paulo.

Durante o período em que o prédio esteve em reforma, nos foi cedida, pela Prefeitura, uma sala na pequena casa da Escola Municipal de Jardinagem, a uns 500 metros da nossa sede. O primeiro dia de aula nessa sala foi incomum, ou típico de Brasil.

Era noite, chovia muito. Alguns alunos se perderam procurando a casinha entre as inúmeras e frondosas árvores.

Reunidos embaixo da pequena cobertura do terraço, aguardávamos o professor Irineu Varella para abrir a sala e iniciarmos o curso.

O professor chegou, mas, para nossa surpresa, não possuía a chave.

Perguntou então para dona Neusa, responsável pela repartição, onde estaria a chave. Ela abriu um armário e retirou um molho de chaves.

Tentou uma a uma e nada!

Os alunos começaram a ficar impacientes. Ela se lembrou: “Ah! O rapaz que tem a chave da sala foi embora. Ele a levou. Esqueceu que hoje a sala ia ser utilizada pela EMAF!”.

Nessa hora, pensei: “Chama o síndico – Tim Maia!”.

Começou então um movimento para arrombar a porta.

Dona Neusa, por um momento, nos conteve: “Esperem! Lembrei, essa sala tem outra porta. Aqui, por essa salinha, atrás daquele armário, é só abrir”. Ela foi nos guiando.

Era um armário de aço, repleto de livros.

Alguns alunos se voluntariaram a mover o armário de forma que pudessem atingir a maçaneta. Feito isso, a porta não se abriu.

Dona Neusa, consternada, autorizou então que o professor Irineu arrombasse a porta.

Quando o professor ia fazer o primeiro movimento, dona Neusa se lembrou de outra coisa: “Espere, professor, o arrombamento só pode ser feito por funcionários da escola”.

Algum tempo depois, voltava dona Neusa com dois funcionários devidamente equipados com o básico: martelo e talhadeira.

Os alunos já achavam graça no absurdo da situação.

Os funcionários então angularam suas ferramentas e, quando iam dar a primeira martelada, dona Neusa entrevistou novamente: “Calma! Esqueci de uma coisa fundamental! O arrombamento precisa ser acompanhado pela Guarda Municipal, para provar que a ação não foi criminosa”.

Entre perplexidade e risos, aguardamos mais uma vez dona Neusa partir novamente na chuva à cata dos policiais.

Chegaram!

Tentaram o que todos já haviam tentado, viraram a maçaneta e nada.

Autorizaram então os funcionários a realizar o arrombamento.

Angularam as ferramentas e, diante da ansiosa e concentrada plateia: Cabrum!

A porta finalmente se abriu!

Minha mãe tinha três irmãos: Odete, Hélio e Heládio, o caçula.
Excelente obstetra, tio Heládio era muito, mas muito engraçado.
Entre as inúmeras passagens que compunham seu folclore, uma se referia mais diretamente a mim.
Na época, eu estudava Eletrônica Industrial, motivo que levava amigos e familiares a me darem aparelhos quebrados de presente ou para tentar consertá-los.
Tio Heládio, não. Quando alguém lhe perguntava se não ia consertar o rádio do carro, a tevê ou o relógio, ele ponderava, sorrindo: “Estou aguardando a cura espontânea!”.
Segundo ele, a cura espontânea já havia se manifestado em outros aparelhos em outras oportunidades. Bastava ter um pouco de paciência.

Estudei Arquitetura em São José dos Campos. Morava na república Marcelândia, comandada por nosso querido Marcelo Arantes Ferraz.

Marcelão lia muito e, sempre que podia, interrompia sua leitura para compartilhar com os colegas alguma passagem que julgasse ser do interesse de todos.

Uma noite, estávamos desenhando, ele nos chamou a atenção, paramos. E leu: “Baudelaire dizia que, na lista dos direitos humanos, deveriam incluir mais dois: o de se contradizer e o de se retirar”.

Minha querida amiga Leda Catunda me convidou para fazer parte do júri de Artes Plásticas do prêmio Sempre é Tempo, do Banco X.

A reunião de apresentação dos membros do júri, das mais diversas áreas, foi em um salão de convenções sem estilo de um hotel na Alameda Santos, São Paulo.

Numa grande mesa, estava uma amostragem da inteligência brasileira.

Depois de sermos obrigados a assistir ao vídeo institucional do banco, iniciaram-se as apresentações.

“Sou Maria Cecília Magalhães, doutora em História pela universidade tal; recebi o Prêmio Jabuti por meu livro XYZ; esta é minha terceira participação neste concurso.”

“Meu nome é Marcos Alberto Azevedo, sou Cientista Social formado pela universidade Y, com doutorado na Alemanha e recentemente lancei o livro Sociedade e Consumo pela editora ABC.”

“Meu nome é Marta Lacerda Almeida, sou doutora em Letras pela universidade MMM; leciono História Comparada da Literatura Brasileira na universidade YYY; esta é minha segunda participação neste concurso.”

“Meu nome é Letícia Salazar, formada pela EAD e especializada em direção cênica. Em 2003, recebi o prêmio Shell pela direção da peça tal.”

Depois de umas trinta apresentações, chegou a minha vez:

“Meu nome é Carlos Augusto Martins Lacaz, sou arquiteto pela FAU São José dos Campos, trabalho com design gráfico e artes plásticas, ganhei o prêmio tal e esta é minha primeira participação como jurado neste concurso.”

Passei então o microfone para o colega ao lado:

“Meu nome é Lelé, sou palhaço.”

Todos riram!

Quando me formei em Arquitetura, eu e meu irmão Nenê queríamos comprar uma chácara, pois ele gostava muito de animais e eu precisava de espaço.

Andamos por muitos lugares próximos a São Paulo até que nos indicaram boas chácaras, com bons preços, em Caucaia do Alto, depois de Cotia.

Pelo caminho, íamos perguntando: “Por favor, onde fica Caucaia do Alto?”. E respondiam: “CaRcaia do ARto? ...é por ali...”.

Enfim, chegamos em uma propriedade à venda, um lugar totalmente sem graça. Encontramos uma casinha bem humilde, onde uma senhora muito simpática nos recebeu. Nos falou da área, o valor e a forma de pagamento. Quando íamos nos despedir, ela disse: “Si oceis comprá mesmu, oceis pinta as pedra de branco qui vai ficá bem bunitu!”.

Meu pai era médico e cientista, viajava com frequência pelo mundo, para pesquisas e conferências.

Ao retornar de Caracas, nos contou uma gafe latino-americana.

Ao chegar lá, fora recebido por um elegante grupo de colegas e suas respectivas esposas.

Foram logo o elogiando e lhe perguntaram o segredo de sua jovialidade.

Sempre bem humorado, respondeu: “Tenho a cuca boa!”.

Constrangimento geral!

Rapidamente, os colegas procuraram silenciá-lo, disfarçando. Puxaram-no de lado: “Professor Lacaz, aqui, cuca é boceta!”.

Na década de 80, o Cine Paulistano, na Avenida Brigadeiro Luís Antônio, apresentava a novidade: *Drácula*, de Andy Warhol, em 3D. Todos queriam ver.

Ao comprar o ingresso, recebíamos os óculos 3D, feitos de cartão e celofane – um olho cian e outro magenta.

A bilheteira nos advertia que não deveriam ser danificados e precisavam ser devolvidos após a sessão.

Ao terminar o filme, as pessoas já iam tirando os óculos e procurando o local de entrega.

Um lanterninha no saguão repetia em voz alta: “Depois da fita, põe os zócros no baRcão; depois da fita, põe os zócros no baRcão...”.

Aí apareceu um cara alto e muito louco, o único a sair da sala ainda usando os óculos, olhando para todos os lados.

Quando o cara passou pelo lanterninha e ouviu “...depois da fita, põe os zócros no baRcão...”, respondeu: “Não tô vendo barco nenhum aqui...”.

O lanterninha resmungou: “Engraçadinho!”.

Em Guaratinguetá, havia dois cinemas: Central e Urânio.
Um dia, minha prima Maria Teresa chegou em casa toda eufórica dizendo:
“Vai passar *Ali Babá Breve* no Urânio!”.

Na Marcelândia, recebíamos a visita de alguns alunos do ITA e de algumas meninas e, uma delas, muito bonitinha, chamava-se Fabíola.

Era loira, simpática e tinha um belo corpo. Era do tipo mignon.

Certa vez, um dos estudantes do ITA, o Bov, nos apresentou seus cálculos para transformar Fabíola em um mulherão.

Ele havia chegado ao que chamou de fator de conversão: se multiplicássemos todas as medidas de Fabíola por $1,xyz\dots$

Em 2005, a revista *Caros Amigos*, onde trabalho desde o nº 1, completou dez anos. O editor Sergio de Souza me convidou para fazer uma exposição dos meus desenhos publicados no período.

A Escola da Cidade sediaria a semana de comemorações e debates programados.

Fui conhecer o espaço para dimensionar a exposição. Havia uma boa sala no térreo à esquerda da porta de entrada.

Projetei um longo painel protegido por vidro. Foi construído.

Rapidamente, montei a exposição.

No dia seguinte, a inauguração. Após o coquetel, os convidados poderiam dirigir-se ao auditório, onde aconteceriam os debates.

Na data combinada, voltei para desmontar. A sala estava às escuras! Procurei o interruptor, mas não o encontrei.

Removi os vidros e comecei a retirar os desenhos. Quando tirei o último, apareceu um funcionário que, me vendo trabalhar na penumbra, disse: “Vou acender a luz para o senhor”.

Minha amiga, a jornalista Monica Chacon, viveu mais de dez anos na Suíça.
Ao retornar ao Brasil, curioso, quis saber: “...e então Monica, como é lá?”.
Com a precisão de um relógio local, taxou: “Na Suíça, o que não é proibido é obrigatório!”.

Nosso mestre Baravelli conta que assistiu uma entrevista da Hebe Camargo com um grupo de índios.

Em dado momento, deslumbrada, Hebe comenta: “Vocês devem estar fascinados com a tevê, os automóveis...”. Ao que um dos índios responde: “Tevê, automóvel, índio não gostou; índio gostou escada!”.

Tive a honra de ilustrar dois livros da escritora e educadora Tatiana Belinky, responsável, junto com seu marido Julio Gouveia, por levar a primeira versão do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, de Monteiro Lobato, para a televisão.

Mandaliques e *O Segredo é não Ter Medo* são pequenas edições repletas de bom humor e sabedoria.

Em um desses lançamentos, uma jornalista pergunta: “Tatiana, por que as crianças não gostam de estudar?”.

Com convicção, responde Tatiana: “As crianças não gostam de estudar, mas adoram aprender”.

No final da década de 90, passando pela Mobral, loja de aerodelismo no centro de São Paulo, vi na vitrine um belo helicóptero Excel à gasolina, controlado por rádio.

Curioso, entrei e perguntei o preço.

Me surpreendi, pois era possível comprá-lo. Mais animado fiquei quando o rapaz acrescentou que estavam incluídas no valor seis aulas e que com elas seria possível voar solo. Acreditei.

Fomos para o campo com dois rádios e um cabo que ligava o do professor no meu, em caso de descontrolo, o que era frequente.

Vi que o professor era péssimo e que em nada ajudariam as seis aulas.

Dois amigos aerodelistas me desencorajaram e me disseram que era muito difícil, quase impossível pilotar helicóptero.

Aposentei o Excel, mas continuei procurando um professor.

Um ano depois, me indicaram Roberto Camertoni.

Liguei para ele e senti confiança na voz e no seu interesse em me ensinar.

Marcamos no Ibirapuera. Chegou pontualmente, vi que ele era O Cara.

Roberto era uma pessoa muito simples, carro velho, vinha da periferia, falava pouco, cobrava em dólar e andava armado, um 38 – dizia que já tinham tentado levar material seu e de seus alunos.

Roberto era muito paciente e tinha uma inigualável sensibilidade para o voo.

Nas aulas que se seguiram, quando eu chegava ao campo, ele já estava no final de uma aula com outro aluno, e, quando terminava minha hora, já tinha outra aula na sequência. Esses alunos eram gente muito rica, com carrões tipo Hilux e descarregavam dois a três helicópteros, cada.

Era um brinquedo de rico.

Todos respeitavam o Roberto e o convidavam para aulas em suas fazendas e casas de campo.

Um dia, brinquei com ele: “Putz, Roberto, estou bobo de ver como seus alunos são gente poderosa!”.

Tirada de mestre, sabedor de seu mercado de luxo: “Eu sou fodido, mas sou bem relacionado”.

Em Guaratinguetá, era comum se dizer “Vai ter baile?” quando alguém era visto com o dedo enfiado no nariz.

Dizia-se que estava limpando o salão...

Foi assim com meu primo Lula, muito debochado, pego nessa situação:

– E aí, Lula? Vai ter baile?

Lula tirou a meleca, esticou o braço com ela na ponta do dedo e saiu com essa:

– Vai, qué um convite?

Na década de 70, eu escutava Haroldo de Andrade na rádio Globo AM.
Programa matinal e muito popular, tinha sempre um debate engraçado e acalorado sobre temas do momento.
Certa vez, um membro da mesa defendia a atuação de determinado artista em situação polêmica.
Outro o contradizia com fortes argumentos.
O primeiro afirmava: "...eu o conheço muito bem!".
Desafiando-o, seu oponente rebate:
"Conhece nada! Você já comeu um quilo de sal com ele?".

Cesária Évora definiu assim sua alegria em cantar no Brasil: Feliz como um chafariz!

Na praia de Cambury, era famoso o Bar do Sílvio.

Um caçara com espírito empreendedor, Sílvio montou uma pequena pousada com um despojado e simpático bar de frente para uma pequena praça.

Sempre que eu ia para a praia, tomava ali meu café da manhã: Toddy, que era feito com Nescau, e pão na chapa.

Os quatro filhos do Sílvio – Silvinho, Roque, Adilson e Waldecy – atendiam o balcão, liquidificador, fogão e caixa com simpatia e agilidade.

Sílvio pai cuidava da pousada e, de vez em quando, aparecia na rua para supervisionar o estabelecimento.

Um dia, eu o peguei conversando sobre a vida com um conterrâneo.

Em duas palavras, resumia sua filosofia de vida empresarial: “U importante não é tê dinheiru – dinheiru acaba. U importante é tê u serviçu!”.

Fabio Cardoso de Almeida, amigo e colega, o querido Cardozinho, tinha uma empregada crente, de nome Didi, que vivia a cantar.

Acompanhava os programas de rádio e tevê cantarolando seus sucessos e temas.

Adorava desenhos animados, sendo o seu predileto o do marinheiro Popeye.

No início e no final de cada episódio, enquanto limpava uma coisa ou outra, escutava: “Is the Popeye, the saylor mannnnnnnn!”.

E repetia, com toda espontaneidade e convicção: “É o papai do céu, amémmmmmm!”.

Costumo chegar cedo nas vernissages.

Um dia, fui a uma exposição no primeiro andar do MASP, tomei o elevador e, quando a porta se abriu, vi o poeta Roberto Bicelli, que aguardava para entrar e descer.

Surpreso, perguntei: “Já vai?”.

Roberto levantou o indicador como um imperador romano e proclamou:

“Chegar, sorrir e partir”.

O talentoso fotógrafo Ricardo Hantzschel alugou um apartamento popular para uma residência artística em Cuba, em 1988.

Diariamente, saía para retratar a vida na ilha.

Quando de seu retorno ao Brasil, perguntei-lhe sobre várias coisas de lá. E, no final, sobre a prostituição.

Disse ele que, num ensolarado final de tarde, armara seu tripé diante de um prédio de bela arquitetura.

Ocupado em ajeitar seu equipamento, não percebera a aproximação de uma linda moça.

Quando se dera por conta, ela estava roçando os seios em seu braço, e, com voz sedutora, sussurrou: “Te gusta la arquitetura cubana?”.

Rafic Farah conta que, na década de 70, em plena ditadura Médici, estudava Arquitetura na FAU-USP.

Um dia, estava na rampa do prédio observando uma grande manifestação estudantil contra a política vigente, no Salão Caramelo, quando vê subir o professor Flavio Motta. Ao passar por Farah, o professor para e o surpreende: “Farah, a maior subversão é ser”. E continua a subir.

Minha querida amiga Isa Paula Santos me convidou para o reveillon em sua fazenda, na cidade de São Carlos, São Paulo.

Passei no supermercado e fiz uma boa compra para compartilhar com os anfitriões e convidados.

Todo dia, nos fartávamos em comer e beber.

Marcelo, irmão da Isa, era nosso cozinheiro.

No entanto, havia uma moça que nada comia, ou melhor, comia sozinha, em outro horário, meio escondido.

Muito estranho, achei.

Numa oportunidade, fui à cozinha no momento em que ela preparava seu almoço.

Me aproximei e ela – seu nome era Silvia – me contou sua história.

Tinha estado muito doente e um terapeuta alternativo a orientou: teria que comprar inhame, escolher, cozinhar e comer só inhame durante um mês. Dizia o terapeuta que o inhame é o tubérculo mais poderoso e que, ao escolher, preparar, cozinhar e comer, ela estaria ritualizando as refeições e, com isso, prestando mais atenção na sua alimentação e na sua saúde.

Comecei a ficar com vontade de comer inhame. Nunca tinha me dado conta da existência dele.

Naquele momento, chegou o Marcelo, nosso chef.

Ao ver a cena e escutar o caso, ele foi logo inventando: “Inhame cozido é muito sem graça!

Vamos amassar, fazer umas panquecas, assar, colocar azeite e sal...”.

Acabamos com o inhame da Silvia!

Antonio Cabral, querido colega, é um homem sofisticado.
Erudito, sabe longos poemas de cor. Excelente cozinheiro, viajado, sarado e elegante.
Está sempre de preto. À noite, nas baladas, de blazer.
Anos atrás, costumávamos almoçar no Ritz, São Paulo, para trocar figurinhas.
Aparecia sempre com impecáveis camisetas pretas, que pareciam ter saído da loja naquele instante. Queria ser igual a ele.
Por se tratar de um homem viajado, ficava pensando na procedência: Paris, Nova York, Londres, Milão... grifes caríssimas?
Não perguntava, tinha vergonha, e não ia adiantar nada. Não iria ter aquelas camisetas; quase nunca viajo.
Um dia, não aguentei a curiosidade e rompi o silêncio:
– Cabral, onde você compra suas camisetas?
– Na Casa das Cuecas.

Quando a Challenger explodiu, logo após o seu lançamento, houve comoção mundial e perplexidade diante da fragilidade de um projeto tão sofisticado.

Dias depois, o representante de uma empreiteira é questionado pela imprensa sobre uma rodovia recém-inaugurada, no Brasil, e que já estava soltando pedaços de asfalto e abrindo buracos.

O repórter pergunta o que ele teria a dizer sobre esse vergonhoso fato.

Tranquilo, justifica: “Ué, até a NASA erra!”.

Meu amigo Javier Judas veio da Espanha com os pais quando tinha dois anos.
A eles seguiram mais parentes e a família estabeleceu-se feliz em São Paulo.
Um dos tios, porém, foi para Caracas, Venezuela.
Certa vez, tio Ramón veio passar férias na casa dos Judas.
Javier foi até o quarto onde o tio se hospedava e viu a mala aberta sobre a cama.
Dentro da mala, uma lata de Ovomaltine!
Surpreso, Javier diz:
– Tio, por que o senhor trouxe Ovomaltine? Tem aqui!
– Nunca se sabe. Podia não ter! – responde Ramón, convicto.

Em São José dos Campos, existe um lindo acidente geográfico chamado Banhado. Uma grande depressão em forma de arco, que permite uma vista panorâmica para o Rio Paraíba, bem abaixo e bem longe.

Estávamos eu e meu colega de classe Sérgio Roberto Millon Aguiar, o grande Beto Santista, a caminhar meio apressados pela calçada que dá vista para o Banhado, quando o Beto exclama: “LACAZ!, velocidade de Nossa Senhora de Copacabana!”.

Sem maiores explicações, reduzi a marcha e acertei o passo.

Ontem, terça-feira, 8 de março, foi o Dia Internacional da Mulher.

Liguei a tevê à tarde no ateliê e vejo um festival de lugares-comuns. Até que, entre uma entrevista e outra, surge uma luz. Aparece o ator Caco Ciocler.

A repórter pergunta: “E aí, Caco, qual é a sua mensagem para as mulheres neste dia tão especial?”.

Caco, suplica: “Mulheres, tenham piedade de nós!”.

setembro de dois mil e quatorze